



**Da resistência ao racionalismo à submissão da história:
caminhos para pensar o imaginário do AI-5 na narrativa
jornalística¹**

**From resistance to rationalism to the submission of history:
ways to think the imaginary of AI-5 in the journalistic
narrative**

Luana Chinazzo Müller²

Palavras-chave: imaginário; real; ditadura civil-militar; AI-5.

Este artigo se configura em um exercício de aproximação entre o conceito de imaginário e o objeto de pesquisa da autora, a narrativa sobre o Ato Institucional N°5 (AI-5) no jornal O Globo. Parte-se das questões “O que é o imaginário para o nosso trabalho?”; “Como perceber a dinamização que nos propomos a observar?”; “Quais as materialidades possíveis do imaginário em nosso objeto de pesquisa?”; “Falamos de imaginário ou imaginários?”, para tencionar objeto e referencial teórico de maneira a melhor compreender a forma que o imaginário assume na investigação proposta. Aprofunda-se as noções de imaginário como resistência ao racionalismo, como aura e como excedente de significação. As três são relacionadas à pesquisa na qual o imaginário assume duas formas essenciais: algo dinâmico, nunca estático e em

¹ Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

² Jornalista e mestranda no PPGCom da PUCRS, na linha de pesquisa Práticas Culturais nas Mídias, Comportamentos e Imaginários da Sociedade da Comunicação. Tem bolsa parcial Capes e bolsa de apoio financeiro da União Brasileira de Educação e Assistência (UBEA/PUCRS). Integra os grupos de Pesquisa Tecnologia do Imaginário e História da Imprensa do Rio Grande do Sul. luachinazzo@gmail.com



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

constante dinamização e algo que excede o objeto de significação, que gera sentido a ele.

Primeiramente, faz-se necessário uma breve explicação sobre o nosso projeto de dissertação de maneira a proporcionar ao leitor a compreensão das aproximações que se sucedem neste texto. A investigação parte da pergunta: Quais mudanças podem ser percebidas na narrativa de O Globo sobre o AI-5 de 1968 a 2018 e como o imaginário do vivido é dinamizado a partir delas? Por meio da análise de edições pré-determinadas que abordam o ato que instituiu os anos de chumbo, busca-se perceber como a narrativa do veículo sobre o evento mudou ao longo dos anos e quais expressões do imaginário sobre o período podem ser percebidas nela. Intenta-se desvelar o sentido atribuído ao vivido pela narrativa do jornal. A pesquisa coloca-se como um dos olhares possíveis sobre uma das tantas narrativas existentes sobre o vivido.

Ao pensar o imaginário, consideramos as essenciais contribuições do antropólogo francês Gilbert Durand (1993, 1999, 2001), mas focamos nas concepções de um de seus herdeiros intelectuais, o sociólogo Michel Maffesoli, bem como do seguidor deste, o brasileiro Juremir Machado da Silva. Ambos pensam o conceito a partir de uma perspectiva social, para eles, diferente de Durand, o imaginário existe por compartilhamento. É algo que transcende o indivíduo e funciona como "cimento social". Para Maffesoli, o imaginário individual expressa o imaginário do grupo no qual o sujeito está inserido. "O imaginário é determinado pela ideia de fazer parte de algo" (MAFFESOLI, 2011, p. 80). Silva considera a existência de imaginário individual e coletivo em uma relação de assimilação e retroalimentação. O imaginário social desenvolve-se por contágio: aceitação do modelo do outro, disseminação e imitação. O individual acontece por identificação, apropriação e distorção. Para ambos autores, não se exclui a autonomia dos sujeitos, não há determinismo na concepção de imaginário, há sempre brechas para desvios.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

O imaginário garante a existência das sociedades e do próprio homem. É partilha de afeto, sensações, sentido, lembranças. Ao mesmo tempo que é uma aura, uma energia, algo intangível, é um patrimônio societal (SILVA, 2003).

O imaginário permanece uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera, aquilo que Walter Benjamin chama de aura. O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. Na aura de obra — estátua, pintura —, há a materialidade da obra (a cultura) e, em algumas obras, algo que as envolve, a aura. Não vemos a aura, mas podemos senti-la. O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a obra. Esta é a ideia fundamental de Durand: nada se pode compreender da cultura caso não se aceite que existe uma espécie de “algo mais”, uma ultrapassagem, uma superação da cultura. Esse algo mais é o que se tenta captar por meio da noção de imaginário. (MAFFESOLI, 2011, p. 75).

O imaginário e o real são coisas diferentes, um opõe-se ao outro e ambos se completam. O imaginário é o excedente do real, ele não faz parte do real, mas acrescenta a esse uma camada de sentido, uma aura (SILVA, 2017). Embora o imaginário não seja o real, também não deve ser entendido como irracional ou irreal, ele é vivido como uma verdade, não é uma ilusão ou uma mentira e nunca é fictício. O imaginário é involuntário e emana do real, funciona como distorção do vivido, supre o vazio racional desse (SILVA, 2003). Só há imaginário na medida em que existe um real. O imaginário funciona com um acréscimo do real, não podendo prescindir dele. “O que é o real? O existente sem significação atribuída pelo imaginário. [...] O imaginário é o sentido que redimensiona o fato sem que se possa anulá-lo por iluminação” (SILVA, 2017, p. 25).

Como excedente de significação, ou seja, o que dá sentido ao vivido, o imaginário é uma realidade mais real que o próprio real, por isso Silva (2017) o chama de hiper-real. É mais que o real, porque é uma realidade que ganhou sentido. O imaginário transfigura a realidade, confere um caráter extraordinário, uma dimensão



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

fantástica, um grau de surrealismo. O hiper-real forja a percepção de que algo é mais real que o real “[...] é o cartão postal que elimina as impurezas do real e impõe uma estética incontornável por subtração [...] é a trilha sonora dos personagens da telenovela. Diante do hiper-real, o rústico, o real faz figura de coadjuvante ou de espetáculo antes da produção” (SILVA, 2010, p. 45-46).

A proposta de perceber o imaginário como excedente de significação é trabalhada por Silva em seu último livro *Diferença e descobrimento: o que é imaginário?* (2017). A hipótese radical, como o autor nomeia, sugere compreender o imaginário como fluxo e relações universais. Com referência às fases da bacia semântica de Durand (2001) – escoamentos, divisão das águas, confluências, o nome do rio, organização dos rios, esgotamento dos deltas –, Silva (2017, p. 82-85) sugere nove etapas de “canalização e disseminação”, são elas: 1. Vazamento: um fio de sentido escapa de um acontecimento; 2. Infiltração: o sentido vazado encontra uma brecha e contamina outro espaço; 3. Acumulação: uma formação líquida cresce a partir da infiltração; 4. Evocação: retorno à nascente do vazamento por meio da memória, movimento que realimenta a infiltração; 5. Transbordamento: o acontecimento inicial é superado pelo acúmulo de evocações, transbordando o sentido que formará outros acúmulos líquidos; 6. Deformação: a partir do transbordamento, o material inicial sofre alterações em sua forma; 7. Transfiguração: o excesso de sentido se transforma em um novo sentido; 8. Metáfora: cristalização do imaginário; 9. Derretimento e evaporação: novos tempos surgem e o imaginário muda.

A compreensão do processo desenvolvido por Silva (2017), bem como da bacia semântica de Durand (2001) é de grande importância para o entendimento das dinâmicas do imaginário. Os autores adotam a imagem das águas para explicar a formação, cristalização e dissolução simbólica do imaginário. Como aura, o imaginário é fluido, como excedente de significação, acrescenta sentido ao real. Em nossa pesquisa, compreendemos o imaginário destas duas formas: como algo dinâmico, nunca estático e



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

que excede o objeto de significação, que gera sentido a ele, além do significado do próprio evento.

Imaginário e História estão intimamente ligados. Silva (2017) alerta para a distorção das imagens passadas no presente e pela modificação das histórias pelos desejos de cada época. O imaginário é repetição e diferença, uma narrativa que reinventa-se a cada repetição. Nunca é estático: dinamiza-se e renova-se. A história não deixa de ser uma construção narrativa que varia conforme as épocas e a visão de mundo hegemônica. Há um real incontornável, neste caso a promulgação do AI-5 e suas consequências, mas que não pode ser revisitado e que é reconstruído a partir do imaginário de cada geração. Todo imaginário é histórico e toda História está submetida ao imaginário.

Silva (2016, p. 65) já havia alertado que “As pesquisas sobre o imaginários pesquisam, ao mesmo tempo, a noção de imaginário”. Esse funciona como um termo horizonte: “[...] sinaliza uma referência que funciona como norte mesmo que não possa ser considerada uma bússola” (SILVA, 2016, p. 64). É preciso testar hipóteses, explorar, assumir que a ciência nunca é neutra que a vida não é binária. Faz-se necessário reunir fragmentos e preencher as lacunas por aproximações, especulações e imaginação. O imaginário é alimentado pela ambiguidade, pelos paradoxos, pelos jogos de palavras, pelas diferenças semânticas. O imaginário transfigura o real ao preenchê-lo de sentido. É esse sentido, que nutre o imaginário e transmuta o real, que deve ser buscado.

Em nosso entendimento, na narrativa jornalística, o imaginário aparece na passagem do real ao hiper-real. Em nossa pesquisa, ele pode ser pensado a partir dos sentidos construídos em torno do AI-5. Para o objeto de nossa dissertação, compreendemos o imaginário de duas formas: como algo dinâmico, nunca estático e que excede meu objeto de significação, que gera sentido a ele, além do significado do próprio evento. No plano do imaginário, para o jornal O Globo de 1968, o AI-5 não é apenas um decreto, é o combate à forças adversas, é a tranquilidade do país, é sossego político, é resistência à subversão e aos traidores, é medida excepcional para garantir os



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

objetivos da Revolução de 1964, é a defesa dos interesses do povo brasileiro, é um sacrifício necessário (O GLOBO, 14 dez. 1968, p. 10). Assim como em 2008, o AI-5 é história, mas uma história alterada, imprecisa, significado modificado, é poema de gosto duvidoso, é o mergulho em trevas, início de uma nova ditadura, um encargo pesado ao presidente Costa e Silva, que o assumiu apesar de violar seus ideais (O GLOBO, 13 dez. 2008, p. 16).

Retomando as questões levantadas inicialmente para tentar respondê-las com base no referencial teórico exposto e que será aprofundado no artigo proveniente deste resumo. A primeira delas, “O que é o imaginário para o nosso trabalho?”, acreditamos que esteja muito mais clara neste momento. A priori, o imaginário em nossa pesquisa se apresenta como o excedente de significação (SILVA, 2017), como os sentidos atribuídos pelo jornal O Globo ao AI-5 e seus desdobramentos. Assim, recuperando outra pergunta, o imaginário se materializa em nosso objeto de pesquisa em adjetivos, jogos de palavras, juízo de valores, fotografias e ilustrações, caracterização de personagens envolvidos, diagramação (estilo) da capa e da página, elementos metanarrativos. Tudo aquilo que gera partilha de sentimentos, afeto, sensibilidade.

A outra questão, “Como perceber a dinamização que nos propomos a observar?”, é mais difícil de responder. Analisando duas edições do jornal com 40 anos de diferença é perceptível a mudança na narrativa do veículo sobre o acontecimento. A narrativa, em ambos exemplares, é permeada por sentido e é perceptível que o imaginário transmutou-se ao longo do tempo. Há dinamização do imaginário sobre o AI-5 na narrativa do O Globo, uma vez que o compreendemos como um mesmo imaginário que vai se transformando ao ser repetido, conforme a visão de mundo vigente.

Entendemos que as relações entre a tríade história, mídia e poder, cerne da pesquisa da autora, não podem ser reduzidas à dicotomia verdadeiro ou falso, ou ainda, certo/errado, bom/ruim, como o racionalismo propõe. Investigar o imaginário é uma forma de resistir ao binarismo, buscar um terceiro elemento. As relações sociais são



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

compostas por estruturas complexas, que se caracterizam por antagonismos e paradoxos, permeadas por imaginários não estáticos, em constante dinamização. Buscar percebê-los, captar suas expressões é um importante passo para a compreensão de um período histórico e é algo pouco feito na academia, muito por nossa tradição que marginaliza a imagem simbólica. Acreditamos no imaginário como uma realidade que precisa ser desvelada para o melhor entendimento de um fenômeno.

Referências bibliográficas

DURAND, G. **A imaginação simbólica**. 6. Ed. Lisboa: Edições 70, 1993.

_____. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **O Imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.

MAFFESOLI, M. “O imaginário é uma realidade” (entrevista a Juremir Machado da Silva). **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 15, p. 74-82, ago. 2011.

_____. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. **O conhecimento comum**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

_____. **O tempo retorna**: formas elementares da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

SILVA, J. M. **Diferença e descobrimento**: O que é o imaginário? A hipótese do excedente de significação. Porto Alegre: Sulina, 2017.

_____. Em torno de uma noção de imaginário. In: TONIN, J.; AZUBEL, L. (Orgs.). **Comunicação e imaginário**. Porto Alegre: Edipucrs, 2016. p. 59-68.

_____. **Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.



II Seminário Internacional de Pesquisas
em **Midiatização** e Processos Sociais
